



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2020

COMPORTAMENTOS DESVIANTES DE ADOLESCENTES E ADULTOS JOVENS DE ESCOLA PÚBLICA DE FEIRA DE SANTANA - BA

Larissa Santana de Jesus¹; Christianne Sheilla Leal Almeida Barreto²; Maria Conceição Oliveira³ Costa; Jamilly Oliveira Musse⁴

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduada em psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: larissa.santana017@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: chris.uefs@uol.com.br
3. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (NNEPA/UEFS), Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: costamco69@gmail.com
4. Participante do núcleo Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (NNEPA/UEFS), Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: musse_jo@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento desviante, jovens, relacionamento parental

INTRODUÇÃO

Viver em sociedade requer do indivíduo o desenvolvimento de ações conforme os padrões de comportamentos estabelecidos nas diversas relações. No que diz respeito ao comportamento, é adquirido desde a infância através das interações sociais. No entanto, as condutas não são estanques, pois são constantemente moldadas a partir dos fatores ambientais e individuais de cada pessoa (MONTEIRO; FARIAS, 2014). Segundo Poton; Soares; Gonçalves (2018), cerca de 20% dos adolescentes do seu estudo apresentam algum problema de saúde mental, porém é frequente a presença de desordens nos comportamento internalizantes e externalizantes. Além disso, os de ordem internalizantes se caracterizam por humor deprimido e ansiedade, preocupação excessiva, medos e inseguranças. Em contrapartida, os externalizantes são expressos através de manifestações de hiperatividade, impulsividade, desobediência, hostilidade e agressividade. Em decorrência disto, destaca-se os “problemas de internalização” ou “controle excessivo”, revela-se no retraimento social, inibição, rebaixamento de humor e transtornos de ansiedade. A partir do exposto, o objetivo do presente trabalho é descrever, segundo sexo e faixa etária, a apresentação de comportamentos internalizantes e externalizantes entre adolescentes e adultos jovens no município de Feira de Santana.

METODOLOGIA

Estudo epidemiológico transversal a partir de subprojeto integrante de uma a pesquisa mais ampla intitulada “Violência entre Casais de Adolescentes e Adultos Jovens: Relacionamento Parental e Experiências Amorosas Precedentes”, desenvolvido pela equipe do NNEPA/UEFS, em parceria com pesquisadores de outras instituições. Para o presente estudo, utilizou-se uma amostra de 904 adolescentes e adultos jovens, na faixa etária de 14 a 24 anos, matriculados nas escolas da Rede Pública de Ensino do município de Feira de Santana, que relataram estar em situação de namoro no momento da coleta de dados (2018) ou já ter tido relacionamento afetivo-sexual na vida. Os estudantes responderam ao inventário autoaplicável PAJ (Percurso Amoroso de Jovens) às questões relativas às suas características sociodemográficas, perfis de relacionamentos (interparental e amizades), comportamentos sexuais, hábitos de vida e comportamentais. Os dados foram analisados a partir de tabelas de frequência simples com tabelas bivariadas. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 89084517.8.0000.0053.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Quanto às características sociodemográficas dos 904 estudantes, 51,7% eram do sexo masculino, com predominância da faixa de 16 a 19 anos; pais evangélicos (49,3%); cursando o ensino Médio (51,2%); coabitando com os pais (46,5%); cor da pele autoreferida mestiça/ parda/ morena (62,4%).

Tabela 1 - Características sociodemográficas dos adolescentes e adultos jovens em situação de namoro, Feira de Santana, 2017.

VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS	N	%
SEXO (N=886)		
Feminino	418	48,3
Masculino	448	51,7
FAIXA ETÁRIA (N=904)		
14 a 15 anos	112	12,4
16 a 19 anos	681	75,3
20 a 24 anos	11	12,4
RELIGIÃO (N=895)		
Católica	210	23,5
Evangélica	441	49,3
Outras	58	6,5
Nenhuma	186	20,8
ESCOLARIDADE (N=891)		
Fundamental I e II	369	38,8
Ensino Médio	486	51,2
Outros	36	3,8
COABITAÇÃO (N=891)		
Pais na mesma casa	414	46,5
Pais separados	332	37,3
Membros da família	87	9,8
Namorado(a)/Parceiro(a)	41	4,6
Outros	17	1,9
RAÇA /COR (N=880)		
Branco	100	11,4
Mestiço/pardo/moreno	549	62,4
Negro	213	24,2
Indígena	13	1,5
Outro	5	0,6

Os achados relacionados aos “comportamentos externalizantes” relatados pelos jovens em situação de namoro, segundo faixas etárias (Tabela 2), apontaram como mais frequentes: “Saiu noite toda sem permissão”; “Brigou com alguém desejando ferir”; “Estragou ou destruiu algo que não pertencia a si”, cujas proporções da faixa de 16 a 19 anos foram cerca de 4 a 7 vezes maiores, quando comparados às faixas da adolescência inicial (14 e 24 anos) e aos adultos jovens (20 a 24 anos).

Ainda em relação aos resultados da Tabela 2, os comportamentos internalizantes analisados por faixas etárias mostraram a mesma tendência dos externalizantes, onde os adolescentes da faixa de 16 a 19 anos mostraram as maiores proporções de problemas comportamentais, com sintomas que variavam entre 30% e 59%, apontando altos níveis de nervosismo e agitação. Nessa faixa etária os sintomas se apresentaram cerca de cinco a 6 vezes superior às outras faixas estudadas (14 e 15 anos e 20 a 24 anos).

Tabela 2 – Comportamentos internalizantes e externalizantes de adolescentes e adultos jovens em situação de namoro, segundo faixa etária, Feira de Santana, 2017

	14 a 15 anos		16 a 19 anos		20 a 24 anos		TOTAL	%
	N	%	N	%	n	%		
COMPORTAMENTOS EXTERNALIZANTES								
Saiu noite toda sem permissão (n=844)	28	3,3	191	22,6	36	4,3	255	30,2
Fugiu de casa (n=838)	17	2,0	67	8,0	7	0,8	91	10,9
Estragou ou destruiu algo que não pertencia a si (n=839)	30	3,6	135	16,1	20	2,4	185	22,1
Roubou algo(n=825)	9	1,1	65	7,9	12	1,5	86	10,4
Brigou com alguém desejando ferir (n=832)	28	3,4	179	21,5	22	2,6	229	27,5

Levou uma arma para usar numa briga (n=840)	7	0,8	53	6,3	14	1,7	74	8,8
INTERNALIZANTES								
Esgotado(n=819)	62	7,6	329	40,2	57	7,0	448	54,7
Nervoso (n=831)	81	9,7	490	59,0	75	9,0	646	77,7
Nervoso sem que nada pudesse acalmar (n=827)	58	7,0	295	35,7	46	5,6	399	48,2
Desesperado(a)(n=822)	48	5,8	263	32,0	43	5,2	354	43,1
Agitado(a)(n=830)	58	7,0	290	34,9	42	5,1	390	47,0
Agitado sem que pudesse ficar parado (n=838)	49	5,8	257	30,7	42	5,0	348	41,5
Triste ou deprimido (n=810)	56	6,9	352	43,5	53	6,5	461	56,9
Tão deprimido que não poderia sorrir(n=804)	44	5,5	206	25,6	32	4,0	282	35,1
Como se tudo fosse uma carga/ peso(n=802)	45	5,6	230	28,7	40	5,0	315	39,3
Um zero a esquerda/ trapo (n=807)	29	3,6	181	22,4	31	3,8	241	29,9

Na classificação dos jovens estudantes, quanto ao sexo (Tabela 3), as proporções de relatos sobre comportamentos externalizantes foram semelhantes entre masculino e feminino, onde os comportamentos mais frequentemente referidos foram idênticos. Ainda em relação aos achados da Tabela 3, sobre comportamentos internalizantes, foi observado que os sintomas mais relatados estavam relacionados a nervosismo, desespero, agitação, assim como tristeza e/ou depressão, cujas proporções variaram entre 35% a 78%.

Tabela 3 – Comportamentos internalizantes e externalizantes de adolescentes e adultos jovens em situação de namoro, segundo sexo, Feira de Santana, 2017.

	MASCULINO		FEMININO		Total	%
	N	%	N	%		
COMPORTAMENTOS EXTERNALIZANTES						
Saiu noite toda sem permissão(n=818)	149	18,2	93	11,4	242	29,6
Fugiu de casa (n=812)	35	4,3	54	6,7	89	11,0
Estragou ou destruiu algo que não pertencia a si (n=813)	88	10,8	93	11,4	181	22,3
Roubou algo(n=802)	54	6,7	28	3,5	82	10,2
Brigou com alguém desejando ferir(n=808)	113	14,0	109	13,5	222	27,5
Levou uma arma para usar numa briga (n=814)	47	5,8	24	2,9	71	8,7
INTERNALIZANTES						
Esgotado(n=792)	174	22,0	259	32,7	433	54,7
Nervoso (n=802)	276	34,4	353	44,0	629	78,4
Nervoso sem que nada pudesse acalmar (n=800)	151	18,9	234	29,3	385	48,1
Desesperado(a)(n=795)	120	15,1	223	28,1	343	43,1
Agitado(a)(n=805)	154	19,1	227	28,2	381	47,3
Agitado sem que pudesse ficar parado (n=811)	146	18,0	191	23,6	337	41,6
Triste ou deprimido (n=785)	163	20,8	291	37,1	454	57,8
Tão deprimido que não poderia sorrir(n=779)	78	10,0	197	25,3	275	35,3
Como se tudo fosse uma carga/ peso(n=778)	99	12,7	208	26,7	307	39,5
Um zero a esquerda/ trapo (n=782)	77	9,8	157	20,1	234	29,9

Conforme resultados das análises estratificadas (Tabelas 4), verificou-se que, no feminino, da faixa de 17 a 19 anos, a maior frequência de relato está relacionada aos comportamentos depressivos e de tristeza, com

proporções acima de 35%; além de ansiedade, nervosismo e agitação, em torno de 30%. Enquanto que, na faixa de 14 a 16 anos, tanto no feminino, quanto no masculino, as proporções desses mesmos comportamentos foram semelhantes, com variações em torno de 20 a 28%.

Quanto aos resultados das análises estratificadas para comportamentos externalizantes (Tabela 4), foi observado que o masculino e o feminino apresentaram proporções semelhantes para os comportamentos apresentados, nas suas respectivas faixas etárias, ou seja, independente de ser feminino ou masculino, as proporções dos comportamentos da faixa 14 a 16 anos assemelharam-se, assim como respectivamente, para a faixa de 17 a 19 anos e 20 a 24 anos, sendo masculino ou feminino.

Observou-se que a faixa de 16 a 19 anos apresenta maiores associações de comportamentos internalizantes, estes podem ser verificados através de comportamentos como depressão, tristeza, ansiedade, nervosismo, desespero, agitação e esgotamento. Contudo, as proporções foram mais expressas em meninas, quando comparada aos meninos na mesma idade. Geralmente, os problemas externalizantes são os que causam maior incômodo aos pais e outros do convívio familiar, assim como do ambiente social, como a escola, contribuindo para um maior número de queixas e, conseqüentemente, gerando mais pesquisas em torno dessas variáveis, na busca de possibilidades para prevenção e intervenção (ACHENBACH & RESCORLA, 2001; PACHECO & HUTZ, 2009; WEISZ ET AL., 2004).

Segundo os achados do presente estudo, os comportamentos internalizantes e externalizantes relatados pelos jovens foram mais frequentes na faixa etária de 16 a 19 anos, independente do gênero, frente à percepção da convivência com seus pares e seus relacionamentos íntimos, diante dos conflitos relacionais. Desta forma, é possível inferir que tais ocorrências podem estar relacionadas às mudanças e transformações inerentes a esta etapa do desenvolvimento. Entretanto, vale considerar as dificuldades relacionadas à pouca competência emocional e a alta labilidade comportamental de jovens, para lidar com conflitos, limites pessoais e sociais, entre outras intolerâncias comuns nesse grupo populacional, tornando-os vulneráveis às múltiplas situações de risco pessoal e social.

CONCLUSÃO

A partir dos resultados expostos foi possível identificar, através da classificação dos jovens estudantes, quanto ao sexo, que os relatos sobre comportamentos externalizantes foram similares entre masculino e feminino, onde os comportamentos mais frequentemente referidos foram “Saiu noite toda sem permissão”; “Brigou com alguém desejando ferir”; “Estragou ou destruiu algo que não pertencia a si”.

Além disso, as moças da faixa de 17 a 19 anos, relatam expressivamente a existência da tristeza, depressão, ansiedade, nervosismo e agitação. Entretanto, na faixa de 14 a 16 anos, tanto no feminino, quanto no masculino, houveram proporções semelhantes destes transtornos. No que tange aos comportamentos externalizantes, este estudo observou semelhanças entre os comportamentos manifestos em ambos os sexos, nas respectivas faixas etárias.

Ainda referente a problemas de internalização, os comportamentos internalizantes analisados por faixas etárias mostraram a mesma tendência dos externalizantes, onde os adolescentes da faixa de 16 a 19 anos mostraram as maiores proporções de problemas comportamentais, com sintomas que variavam entre 30% e 59%, apontando altos níveis de nervosismo e agitação (“Nervoso; Nervoso sem que nada pudesse acalmar; Desesperado; Agitado sem que pudesse ficar parado”), assim como, sintomas de tristeza, esgotamento e depressão (“Triste ou deprimido; Esgotado”). Nessa faixa etária os sintomas se apresentaram cerca de cinco a seis vezes superior às outras faixas estudadas (14 e 15 anos e 20 a 24 anos).

Assim, observa-se a verificação dos comportamentos internalizantes como mais prevalentes entre meninos e meninas da adolescência intermediária, o que permite refletir sobre os processos pelos quais adolescentes e jovens reagem diante dos eventos externos, visto que os conflitos são inerentes nos relacionamentos amigáveis e afetivo sexuais, portanto, requerem experiência, tolerância e competência emocional para superá-los, condições muitas vezes não suficientemente amadurecidas nessas faixas etárias. Assim, vale ressaltar que os seus comportamentos estão relacionados à maneira, positiva ou negativa, de identificação das ocorrências/experiências de vida e habilidades, no campo relacional familiar, pessoal e sociocultural.

Dessa forma, introjetar sentimentos carregados de conflitos, associados a outras características como baixa autoestima, insegurança, entre outros atributos inerentes aos indivíduos em desenvolvimento, pode contribuir para manifestações diversas, destacando-se comportamentos internalizantes. Nessa perspectiva, salienta-se a necessidade de preparo de equipes e profissionais que lidam com essas populações, como profissionais de saúde, professores, além dos familiares, para que possam estar atentos às demandas relacionadas

aos possíveis transtornos mentais, requerendo estratégias e fluxos assistenciais nos diversos contextos que adolescentes e jovens circulam, com destaque para o ambiente escolar, grupos de amigos e pares, serviços de saúde e assistência social, assim como na convivência familiar.

REFERÊNCIAS

- ACHENBACH, T. M.; RESCORLA, L. **Manual for the ASEBA school-age forms & profiles: An integrated system of multi-informant assessment**. Burlington, VT: Aseba, 2001.
- ALLEN, J.P.; LAND, D. **Attachment in adolescence**. 1999.
- BORTOLINI, M. TCC na Infância e Adolescência: Transtornos Externalizantes. Wainer **Psicologia Cognitiva**, 2017.
- CARIDADE, S. M. M; MARTINS, A. C.; NUNES, L. Estilo de vida dos adolescentes e jovens adultos e comportamentos desviantes e delinquentes: Das vivências familiares, escolares e individuais. **Revista Portuguesa De Investigação Comportamental E Social**, v. 5, n.1, p. 40-60, 2019.
- CLOUTIER, R.; DRAPEAU, S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- GUIMARÃES, J. V. C. **Autoconceito, Autoestima e Comportamentos Desviantes em Adolescentes**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicocriminologia) – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa, Portugal.
- HESS, A. R. B.; FALCKE, D. Sintomas internalizantes na adolescência e as relações familiares: uma revisão sistemática da literatura. **Psico-USF**, Itatiba, v. 18, n. 2, p. 263-276, Aug. 2013.
- LINARES, M. C. G. et al. Prácticas educativas paternas y problemas internalizantes y externalizantes em adolescentes españoles. **Psicothema**, v. 23, n. 4, p. 654-659, 2011.
- OLIVEIRA-MONTEIRO, Nancy Ramacciotti de et al. Competência, problemas internalizantes e problemas externalizantes em quatro grupos de adolescentes. **Psico-USF**, Itatiba, v. 18, n. 3, p. 427-436, Dec. 2013.
- PACHECO, J. T. B.; HUTZ, C. S. Variáveis familiares predictoras do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 213-219, 2009.
- PARCO, D. A.; JÓ, P. S. Conductas Internalizantes y Externalizantes en Adolescentes. **Liberabit**, v. 21, n. 2, p. 253-259, 2015.
- POTON, W. L.; SOARES, A. L. G.; GONÇALVES, H. Problemas de comportamento internalizantes e externalizantes e uso de substâncias na adolescência. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, p. e00205917, 2018.
- ROCHA, A. C. L. **Amigos, tempo livre e atividades dos jovens: dados do ISRD (2006 - 2016)**. 2016. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- RODRIGUES, Larissa Leal Serafim; RODRIGUES, Nalyson Almeida; MELO, Monilly Ramos Araujo. Dificuldades de Aprendizagem em Meninos e Meninas: Uma Revisão Sistemática com Metanálise. **PSI UNISC**, v. 2, n. 2, p. 133-148, 2018.
- SANDOVAL, M., L. S.; VALLEJO, G. Self-reported competences and problems in spanish adolescents: a normative study of the YSR. **Psicothema**, v. 18, n.4, p. 804-809, 2006.
- WEISZ, J. R. **Psychotherapy for children and adolescents: Evidence-based treatments and case examples**. Cambridge University Press, 2004.